**Conto de Abril**

**Uma imagem contendo livro, texto, moto, itens

Descrição gerada automaticamente**

Sabemos que estamos exagerando com os patos quando eles deixam de confiar em nós. E meu pai estava arrancando tudo que podia dos patos desde o verão anterior.

Aproximava-se do lago.

\_ Olá, patos – dizia ele aos patos.

Já em janeiro, eles simplesmente nadavam para longe. Um pato macho particularmente irascível (nós o chamávamos de Donald, mas nunca na sua frente, pois patos são sensíveis a esse tipo de coisa) ficava para trás e ralhava com meu pai.

\_ Não estamos interessados – dizia a ave. – Não queremos comprar nada que você esteja vendendo: nada de seguro de vida, nem enciclopédias, nem telha de alumínio, nem palito de fósforos, mesmo que seja à prova d’água.

\_ “O dobro ou nada!” – grasnou um pato real dos mais indignados. – Aposto que vai nos fazer jogar a moeda. Usando aquela de dois lados iguais...!

Os patos, que tiveram oportunidade de examinar a moeda em questão quando meu pai a tinha jogado no lago, grasnaram em concordância com o pato real e flutuaram, elegantes e rabugentos, até o outro lado da água.

Meu pai levou para o lado pessoal.

\_ Aqueles patos – disse ele. – Estão sempre lá. Como uma vaca pronta para ser ordenhada. Eram uns trouxas: o melhor tipo. Do tipo que dá para tapear de novo e de novo. E eu estraguei tudo.

\_ Precisa fazer com que voltem a confiar em você. Ou, ainda melhor, é só começar a ser honesto. Vire uma nova página. Você tem um emprego de verdade agora.

Ele trabalhava em Village Inn, em frente ao lago dos patos.

Meu pai não virou uma nova página em sua vida. Ele mal virou a página antiga. Roubou pão fresco da cozinha da estalagem, levou garrafa de vinho tinto já abertas, e foi até o lago para conquistar a confiança dos patos.

Durante todo mês de março ele os entreteve, os alimentou, contou piadas, fez tudo que pôde para amolecê-los. Foi só em abril, quando havia poças para todo lado e as árvores estavam novas e verdes e o mundo tinha se desfeito do inverno, que ele trouxe um baralho.

\_ Que tal uma partida amigável? – perguntou meu pai. – Sem apostar dinheiro?

Os patos se entreolharam, nervosos.

\_ Não sei, não... – murmuravam alguns deles, desconfiados.

Então um pato real mais velho, que não reconheci, estendeu a asa graciosamente.

\_ Depois de tanto pão fresco, depois de tanto vinho bom, seria deselegante de nossa parte recusar sua proposta. Buraco, talvez? Ou mau-mau?

\_ Que tal pôquer? – perguntou meu pai, com cara de blefe, e os patos disseram sim.

Ele ficou tão feliz. Nem precisou sugerir que começassem a apostar para tornar o jogo mais interessante: o velho pato real se encarregou disso.

Ao longo dos anos, aprendi um pouco a trapacear na hora de dar as cartas: observava meu pai sentado em nosso quarto à noite, praticando, de novo e de novo, mas o velho pato tinha uma coisa ou outra a ensinar. Dava as cartas do fundo do baralho. Dava as cartas do meio. Sabia onde estava cada carta, e bastava um rápido movimento da asa para conduzi-las exatamente aonde ele as queria.

Os patos limparam meu pai: a carteira, o relógio, os sapatos, a caixinha de rapé e as roupas que ele estava usando. Se aceitassem um menino como aposta, meu pai também teria me perdido naquele jogo, e talvez, de muitas formas, ele o tenha feito.

Caminhou de volta para a estalagem apenas com a roupa de baixo e as meias. Patos não gostam de meias, disseram as aves. É uma particularidade deles.

\_ Ao menos você ficou com as meias – comentei.

Aquele foi o abril em que meu pai aprendeu a não confiar em patos.

(Neil Gaiman – ***Alerta de risco*** – *Um calendário de contos* – págs. 110/11/112)